

SAHUI E SELENE

A TATUAGEM DA CHAVE NEGRA

2021. Raquel Alves
Todos os direitos reservados.
Produção e Diagramação: Raquel Alves
Capa: Raquel Alves (imagem do Site Pixabay)
Revisão: Raquel Alves

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica feita pela autora

A474s Alves, Raquel.
 Sahui e Selene: a tatuagem da chave negra / Raquel Alves.
 – 1ª. ed. – Juazeiro do Norte, CE: Edição do autor, 2021.
 274 p. : il.

ISBN: 978-65-00-21656-1

1. Fantasia. 2. Romance. 3. Literatura Infanto-Juvenil. 4.
Literatura Brasileira. I. Alves, Raquel. II. Título.

CDD: 808.899282

CDU: 82-93

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem
autorização prévia do autor. Todos os direitos estão
devidamente registrados.

DEDICÁTORIA:

Primeiramente, agradeço a Deus pelo o dom que foi me dado: o de escrever. Agradeço também as pessoas que depositaram em mim, a coragem de ir à frente e lutar para alcançar todos os meus objetivos, sem temer os inúmeros obstáculos que surgiriam. E finalmente, um muito obrigado especial a você, que comprou este livro. Espero que faça uma boa leitura e que goste desta história.

Um grande beijo.

Raquel Alves

SUMÁRIO:

Prefácio - Antes que o dia termine.....	04
Capítulo 1- O nascimento de Sahui.....	05
Capítulo 2- A verdade nua e crua.....	42
Capítulo 3- Perseguição.....	67
Capítulo 4- Revelações.....	90
Capítulo 5- Despedida.....	112
Capítulo 6- Eclipse.....	141
Capítulo 7- Reencontro.....	170
Capítulo 8- O fim de toda história.....	197
Capítulo 9- A armadilha.....	223
Capítulo 10- Antes odiada, agora amada.....	258

PREFÁCIO: ANTES QUE O DIA TERMINE:

Meu nome é **Sahui Ikaruamassu**. Agora eu tenho 15 anos e moro em um bairro humilde em Tóquio, com minha irmã **Selene**, na casa de uma boa senhora que nos acolheu como se nós fôssemos suas filhas.

Aparentemente eu tenho uma vida normal como qualquer garota: vou à escola, ajudo minha mãe adotiva com os trabalhos de casa, saio com os meus amigos— ou melhor, saio com meu único amigo **Dimmy** e com minha irmã, tentando viver pacificamente com ela, já que ela é uma típica “durona”.

Minha vida realmente deixou de ser menos “normal” quando um cara chamado **Kasuro** apareceu e revelou o meu real destino: meu mundo desmoronou por completo e parecia que eu estava caindo em um abismo onde a eternidade não seria suficiente para descobrir quando eu poderia ver o chão ou mesmo sentir o impacto desta queda romper o meu corpo.

Então, depois de organizar todas as ideias e de ter convencido minha irmã de que Kasuro falava a verdade, de ter feito Dimmy entrar nesse novo conceito da minha vida, eu pude compreender toda a trama planejada por mentes maquiavélicas.

Mas, antes de contar tudo, eu preciso lembrar o início... O início de toda história, como outra qualquer, marcada por sentimentos em constante luta contra as forças dominadoras do nosso universo místico...

CAPÍTULO 1: O NASCIMENTO DE SAHUI

A minha história primeiro começa por volta de 1000 anos atrás, em um reino distante da Terra chamado de “Tolios”, um lugar semelhante às terras dos contos de fadas.

Este reino era governado pela **Deusa-Mãe**, que em um certo dia, dá luz a gêmeos: um foi chamado de **Elemen** e a outra de **Deusa da Terra**.

Por ter sido um mau filho para sua mãe, foi chamado pelos seus seguidores de **Chaos**, que altamente dominado pela ganância de poder, rouba da Caverna da Solidão a flecha dourada, um objeto sagrado que foi feito pela Deusa-Mãe. Tal artefato tem o poder de tirar a energia vital do mais poderoso inimigo que ousasse tentar destruir Tolios.

Fingindo arrependimento, diante das constates desavenças com sua mãe, Chaos insiste em encontrar-se com a sua genitora com a finalidade de estabelecer uma aliança de paz. E quando viu a oportunidade certa, lançou a flecha no peito de sua mãe.

Porém, a Deusa da Terra atravessa e se posiciona na frente da flecha. Mas, já é tarde demais: o artefato consegue atravessar o peito das duas deusas. Dando seus últimos suspiros, mãe e filha lançam uma magia em Chaos fazendo com que ele caia em um sono eterno.

Logo após o evento fatídico, as duas deusas morrem e rapidamente os servos de Chaos, que assistiram a tudo, recolhem o corpo do mestre.

No final, todos pensam que mãe e filhos morreram naquele dia.

Nossa! Haja fôlego e emoção diante de tantos acontecimentos em poucos parágrafos...



Mil anos depois do fato acontecido, o novo rei de Tolios chamado **Minos**, se casa com **Shiara**. O sacerdote do templo da Deusa-Mãe, **Mallaré**, entrega a nova rainha um lindo presente: um colar feito com as pedras mais valiosas de Tolios.

Todas as pessoas comemoram e compartilham a felicidade do rei e da rainha. Eu tento imaginar essa situação mágica na vida de alguém: o casamento e a certeza de que finalmente, você dividirá sua vida ao lado de sua verdadeira alma gêmea...

Depois de certo tempo, o sacerdote Mallaré vai até o rei dizer-lhes que à noite contará para todo o povo de Tolios algo que mudará completamente a vida de cada um deles... Não

preciso dizer que a curiosidade, como ácido, ficou a corroer o pensamento de todos que ouviam tais palavras proferidas.



E o tempo passou mais rápido e o povo já estava aglomerado em frente ao castelo Central, aguardando o pronunciamento do sacerdote.

Enfim, a hora chega e o rei demonstra-se apreensivo também com tal notícia.

Mallaré então se pronuncia:

“Povo de Tolios, recolhendo as escrituras antigas do templo da nossa Deusa-Mãe e de vossos filhos, encontrei entre os vestígios a seguinte profecia, que foi escrita pelos antigos sacerdotes, mas não teve muito valor por eles não ter conseguido provar que Chaos estava vivo: depois de mil anos, repito este terrível nome sinônimo de destruição, medo e mal: entretanto, temos que nos alertar contra o perigo. Nascerá na noite das 3 luas negras, quando o 5º sol ficará à frente delas, a reencarnação de Chaos, no qual será fácil de ser reconhecida: nascerá com a tatuagem negra, uma espécie de sinal de alerta proporcionado por nossa Deusa-Mãe para que não deixemos este mal crescer entre nós. Fiquem em alerta, povo de Tolios!”

O pânico se apossou de todos que ouviam atentamente o presságio. E acho que foi o casamento mais “sem graça” do mundo... Esse sacerdote não poderia ter escolhido outra ocasião para proferir o medo?



O tempo transcorreu naturalmente (aproximadamente dez meses depois do anúncio da profecia).

Contudo, o alerta mantém o povo em estado de medo e ansiedade quanto aos futuros nascimentos.



Em seu castelo, a rainha Shiara, entre dores e gritos, dá a luz a uma criança, e com palavras doces e um ar de felicidade plena, diz ao rei:

“Rei Minos, esta é tua filha, deve amá-la e protegê-la de todo mal. Seu nome será Sahui.”

Essas palavras foram interrompidas por um único e logo suspiro de pesar: Shiara era nada mais e nada menos que minha

mãe. Logo após olhar para o meu rosto, ela morreu. Essa recordação eu guardo até hoje, bem como o semblante de meu pai, o rei Mínos, ao ver a morte de minha mãe: uma mistura de tristeza e revolta abateu em seu espírito.

Em seguida, meu pai vai ao encontro de seu irmão mais novo chamado Kasuro e o encontra brincando comigo no quarto. Desde aquele tempo havia um cordão mágico invisível que me uniria a Kasuro por toda a vida. Ele adorava, em poucos instantes, parar e ficar analisando o meu rosto. Ele transbordava admiração e, ao mesmo tempo, respeito. Ele saberia aguardar pacientemente a idade certa para pedir minha mão em casamento.

Contudo, creio que essa admiração durou pouco tempo... Kasuro percebeu algo terrível em mim, ao tirar o pano em volta do meu pescoço: a marca da profecia ou como o sacerdote anunciara “a tatuagem da chave negra”, algo que, na certa, minha mãe tentou esconder durante seu pouquíssimo tempo de vida.

Foi nesse exato momento que o rei entrara no recinto e flagrou tal cena, encaminhando-se à procura do seu sacerdote:

“Mallaré, eu não sei qual é o motivo para este tamanho castigo! Como se não bastasse a vida de minha amada esposa, agora acabo de saber que minha filha é a reencarnação de Chaos. É com muita dor e tristeza que eu digo que você deverá fazer o ritual de morte. Não posso deixá-la viver nem um só dia!”

Eu senti o corpo de meu pai se estremecer com essas palavras... Eu ouvi o ritmo de seu coração se acelerar, eu vi a dor estampada em seu olhar. Lembro-me de tudo isso, apesar de não estar naquele recinto... E o que mais me marcou, sem sombra de dúvida, fora a briga de Kasuro com meu pai acerca do ritual de minha morte...



Completamente louco, meu “tio” Kasuro rouba o colar que minha mãe ganhou no dia de seu casamento e foge comigo.

Era a noite do funeral de minha mãe e, entretanto, não pude estar perto para sentir, pela última vez, o toque de sua pele junto a minha...

Tal noite não poderia ser menos sombria, onde na escuridão, Kasuro tentava enxergar a luz que o guiava para um lugar mais seguro.

No meio do caminho, cansado de tanto correr, ele olha para mim. Em outra ocasião, eu me perderia na imensidão de seu olhar, mas receio que não era hora de sonhos...

“Sei que meu irmão iria te executar no amanhecer. Não posso deixar que um rosto tão bonito como o seu deixe de viver

por causa de uma profecia idiota! Eu sinto que o meu dever é proteger você. Essa é minha verdadeira missão.”

Depois de muito tempo, meu “tio” encontra um vilarejo e conhece uma anciã que tem o dom de prever acontecimentos futuros. Acredito que uma parte conspiratória do universo ou mesmo do destino, coloca as pessoas certas nos momentos certos. É inexplicável.

Graças aos céus, os eventos foram se encaixando perfeitamente, para que certos equívocos, aos poucos, fossem sendo revelados:

“É você menino? Entre. Vejo que veio acompanhado... Eu posso ver uma luz que irradia de seus braços.”

Assustado, ele pergunta a anciã:

“Como você sabe quem sou? Você pertence ao Oráculo Central?”

*“Eu sou apenas uma velha com dons especiais e não pertencço ao Oráculo. Apenas adivinho coisas. Ouça com atenção o que eu vou te dizer: leve esta criança até o templo da Deusa-Mãe e deixe que o destino dela seja cumprido. Você na verdade está fazendo algo que lhe custará muito caro. Saiba que nunca mais poderá voltar ao castelo, porque o rei irá mandar te executar, pois será visto como um traidor do reino de Tolios. Você deverá ficar escondido em **Mashu Ihla**, por 6 anos. E então, deverá voltar a Tolios e ir ao templo da Deusa-mãe onde o seu destino será cumprido e sua coragem será testada.”*

Kasuro ficou receoso, mas preferiu acreditar nas palavras daquela pobre anciã, afinal, ele não tinha escolhas a não ser confiar cegamente em seus deuses.



Enquanto isso, é chegado a hora da minha execução e o povo estava reunido na praça central do castelo, com suas tochas brilhantes que iluminavam a escuridão que crescia intensamente na noite, como uma forma de embelezar a minha morte.

Meu pai estava com o coração dividido entre o amor e o ódio, olhando atentamente o retrato de minha mãe e tentava, com muito esforço, fechar os olhos e lembrar do meu rosto, dos traços que me faziam lembrar dela, do olhar curioso, em meio àquela atmosfera de medo. Ele não podia esconder as lágrimas que escorriam pelo seu rosto.

“O que eu vou fazer essa noite vai doer mais em mim do que em você, Shiara... O dia que enterrei meu coração, enterrarei minha alma também. Duas mortes... Perdoe-me por matar com minhas próprias mãos nosso tesouro. Espero que ela possa viver mais feliz e que a Deusa-Mãe me perdoe por qualquer ofensa, qualquer crime que eu ou meu povo tenhamos cometido. Espero que eu esteja fazendo a coisa certa. Ela parecia ser tão inocente... Na verdade, eu não pude nem olhar direito para ela, mas eu sei que ela se parece muito com você,

meu amor. Quero que saiba que meu coração sangra pelo ato que cometerei esta noite: a imagem da morte da minha filha ficará cravada em meu peito e nas noites sombrias, ela será meu pesadelo. Contudo, o que eu estou fazendo agora deve merecer o perdão da Deusa-Mãe, porque ela também sacrificou seu filho para que o seu povo vivesse em paz: ela arrancou deste Reino, a raiz profunda do grande mal que estava para surgir, e hoje farei também o mesmo ato, ao destruir a reencarnação de Chaos.”

Meu pai caminhou junto com o sacerdote para meu quarto e, ao se depararem com o berço vazio, gritaram de desespero:

“Meu rei, quem pegou a menina?”, falou o sacerdote.

“Não tenho ideia, mas devemos agir o quanto antes!”



Kasuro realmente era um menino muito corajoso. Ele desobedeceu a ordem da anciã e voltou ao castelo. Talvez ele quisesse, pela última vez, se despedir do seu irmão e de todas as pessoas que fizeram parte de sua vida. Ou, na verdade, ele era louco...

Quando o rei entrou em seu quarto, Kasuro estava brincando com a espada que seu irmão lhe dera um dia desses. Aquela recordação fez Kasuro sonhar com uma vida que passou e o fez refletir sobre o futuro de perseguições, medo, insegurança. Era nítida a imagem, em sua mente, do rei, do sacerdote, do povo de Tolios lhe acusando, chamando-o de traidor.

O devaneio foi interrompido pelas palavras assombrosas de Minos:

“Irmão, por acaso você viu onde está a menina?”

“Eu só sei é que ela estava chorando de fome, mas ninguém quis se aproximar dela com medo de morrer. Eu não fui lá porque você me proibiu. O que aconteceu?”

“Mallaré, chame os guardas e mande-os vasculhar todo o castelo em busca de Sahui. Mobilize todo o Reino em busca da criança. O ritual tem que ser feito hoje!”

Mais assombrado do que meu pai, estava o sacerdote que andava de um lado e do outro, com as mãos na cabeça.

“Meu rei, temos que nos preparar. Se não encontrarmos essa criança...”, –ele quase cuspiu a palavra *essa criança* com um repúdio imenso– *“até o final desta noite, só poderemos executá-la no próximo ano.”*

Kasuro se estremeceu quando a palavra “execução” foi pronunciada. Ele abriu os olhos para as palavras da anciã: “O

rei irá mandar te executar, pois será visto como um traidor do reino de Tolios”.

Quando o rei saiu, Kasuro arrumou sua mala e foi embora, em busca de um dia encontrar o seu verdadeiro destino, vagando inconscientemente pelas estradas de Tolios com a pretensão de chegar à cidade de Mashu Ihla.



O local onde eu estava parecia ser um lindo templo, com uma estátua muito grande de uma mulher de cabelos ruivos, com as mãos estendidas em minha direção. Nessa hora, um raio luminoso me envolveu, seguido de uma grande explosão, que fez meus olhos se fecharem para a vida que eu deixara naquele lugar: adeus pai, Kasuro, povo de Tolios. Nunca mais serei o motivo de vossa desonra.



“Se não encontrarmos esta criança até os 15 anos, o espírito de Chaos dominará o corpo dela e logo levará Tolios à

destruição total.” Tais palavras proferidas pelo sacerdote amedrontaram ainda mais o espírito do rei.



Em um lugar desconhecido por mim, que era chamado de Terra, um grande espadachim, **Mestre Ninkal**, percebe um fato estranho atrás do Templo de Buda: um raio imenso atravessa todo o local, de um canto ao outro, chamando a atenção do mestre que caminhava como se estivesse sendo instruído por alguém a percorrer aquele espaço, sendo guiando até mim.

Espantado, o mestre me toma em seus braços acolhedores. Em seguida, pega o medalhão e tenta ler o bilhete escrito por Kasuro, porém a linguagem é completamente desconhecida.

“Criança, quem teve a coragem de abandonar uma criatura tão pequenina como você? E o que este bilhete significa? Estes códigos são completamente indecifráveis. Verei se na minha biblioteca tenho algo que se pareça com esse idioma.”

Ele caminha de volta a sua academia de artes marciais, e ao chegar, prepara uma refeição para mim.

Eu chorava demais. Meu choro poderia ser de fome, tristeza, solidão, medo... O que me lembro é que dormi profundamente e nem percebi, que um olhar curioso de uma menina me observava do canto da porta semiaberta.

Enquanto isso, o mestre analisava curioso o idioma do bilhete.

“O que isso significa?”, perguntava insistentemente sem obter resposta alguma, a não ser, o uivo de ventos que atravessavam a janela.

De repente, Ninkal adormece e sonha com um rapaz me chamando de Sahui. E, esse nome fica fixo em sua mente a noite inteira...

Assim que acordou, Ninkal passou no meu quarto e viu que eu ainda continuava adormecida. Seguindo até o quarto de sua filha, que se chamava Selene, ele percebe um choro raivoso...

“Quem é aquela menina? O que ela faz aqui?”

“Por que você está assim com tanta raiva?”

“Eu quero saber por que você não falou comigo ontem?”

“Minha querida, me acompanhe.” Ele caminhou até o meu quarto com a sua filha Selene. *“Essa é sua nova irmã! O nome dela é Sahui. Eu a encontrei sozinha perto do templo do Buda e a trouxe aqui. Agora Selene, cuide dela porque agora eu*

tenho uma aula e acredito que os meus discípulos estejam ansiosos nesta hora.”

“Ok... Mas, você promete uma coisa? Que sempre vai me amar, que essa desconhecida nunca ocupará o meu espaço em seu coração?” As palavras de Selene saíram como um soluço de dor.

“Você e ela terão espaços definidos em meu coração!”



Passaram-se muitos dias desde então, porém Selene cada vez mais sentia ciúme da relação entre eu e o mestre Ninkal. Ela um dia chegou a desabafar ao seu amigo de escola, um garoto chamado **Dimmy**, a respeito desse momento de sua vida, que com certeza mudara drasticamente:

“Desde que essa menina chegou aqui em casa, meu pai não desgruda dela nem um só minuto! Ele não liga mais para mim. Além disso, ele vai treinar e me deixa como babá daquela bebê chorona!”

Dimmy olhou para mim e sorriu. Ele era uma pessoa bastante simpática, além de ser o melhor amigo de minha irmã.

“Selene, você já cresceu: você tem 7 anos e não precisa de tantos cuidados como um bebê. Do mesmo jeito que ele cuidou de você, ele agora cuida dela.”

Realmente Selene era uma pessoa difícil de ser convencida do contrário, mas, conforme o tempo passava, Selene começou a mudar de ideia a meu respeito e fomos nos tornando verdadeiras irmãs.



Dois anos se passaram desde o momento em que eu cheguei à Terra. Eu já estava com 2 anos, Selene com 9 anos e Dimmy com 10 anos de idade.

Um dia, enquanto minha irmã Selene estava voltando da escola, ela encontrou mestre Ninkal desmaiado na sala. A primeira reação natural dela foi gritar... Selene gritava feito uma louca, pedindo ajuda.

Logo, alguns vizinhos vendo o ocorrido, não hesitaram de ligar para a ambulância, que chegou rapidamente e fez todos os procedimentos possíveis, levando o meu pai, em seguida, para o Hospital Central de Tóquio.

Uma senhora, cujo nome não me recordo, ficou cuidando de mim, enquanto Selene, seu amigo Dimmy e alguns discípulos da **Academia do Dragão Renascente** permaneceram no hospital.

Os dias foram passando e Ninkal piorava. O médico não sabia que doença estava o matando pouco a pouco, e muito menos, que tipo de medicamento poderia administrar para obter um melhor resultado, diante do estado crítico de saúde de meu pai.

De repente, Ninkal acorda:

“Selene, filha...”

“Pai, o que foi? Você está bem?”

“Escute-me, Selene: você foi uma boa filha, apesar desse seu gênio! Você e Sahui são pessoas especiais. São carne e unha, corpo e alma, às vezes água e fogo. Não é a toa que esses sinais, em seus corpos, as unem.” Ele olha para Selene, que esconde debaixo da gola da blusa, bem ao redor de seu pescoço, alguma espécie de tatuagem desde nascença, quase semelhante a minha tatuagem. *“Você foi entregue a mim por pessoas desconhecidas, que te renegaram por você ter nascido com este sinal. Assim, aconteceu com Sahui. Por não entenderem o porquê dela ter nascido com esta marca, com certeza também a abandonaram.”*

“Pai, poupe suas energias...” Selene interrompe as palavras dele, preocupada mais com o seu estado de saúde do que realmente tentar encaixar uma peça do quebra-cabeças de sua própria história. *“Eu vou chamar os médicos.”*

“Não! Por favor, me escute. Eu não tenho muito tempo: quando você voltar para casa, vá até meu quarto, abra a última gaveta do armário à sua esquerda e pegue uma caixa amarela. Nela tem um presente especial que é de Sahui. Entregue a sua irmã quando ela fizer 15 anos. Você cuidará dela assim como eu cuidei de você. Promete a mim, promet...aaa...”

As palavras de Ninkal começaram a transformar-se em suspiros, à medida também que os olhos dele foram se fechando. Eu não gostaria de estar no lugar de Selene, até porque sei que tipo de dor se apossa da gente, pois experimentei essa dor da pior forma possível, ao ocasionar a morte de minha mãe em meu nascimento.

Selene permaneceu no canto da cama imóvel, até que começou a gritar chamando o médico, ao perceber que nosso pai adotivo não se mexia mais. Os médicos entraram e pediram para que Selene deixasse aquele recinto, mas já era tarde demais: não tinha mais nada que pudesse ser feito para reverter a situação, pois o mestre Ninkal morreu.

Uma onda de dor nos envolveu, como um abraço mortal de uma serpente que esteve nos observando durante muito tempo, só esperando a hora certa de “dar o bote”.

Os discípulos do Mestre Ninkal organizaram o maior enterro que o Japão já viu. Dimmy me levou em seus braços por todo o caminho e, no meu interior, a dor rasgava minhas memórias: ficava cada vez mais difícil respirar, eu não conseguia controlar as lágrimas em meio aos soluços. Aquele foi

o pior dia da minha vida. Mesmo com aquela idade, eu pude sentir a dor.



Depois de muito tempo, os adversários da academia de Mestre Ninkal fizeram de tudo para que o recinto fosse fechado, até que, depois de muita perseguição e dívidas, o sonho de meu pai também morreu.

Cada discípulo, no final das contas, deu as costas para o seu verdadeiro mestre e foram para lados opostos da vida. E nós, pequenas garotinhas, ficamos sem um mentor e sem um lugar para morar: estávamos na rua da amargura.

Ao saber que nós fomos despejadas, Dimmy chegou a falar com Selene, às escondidas, para pedir que ela fosse morar com ele.

“Dimmy, eu sei que você e eu somos amigos e que sua mãe não me aceitaria em sua casa, até porque recentemente ela proibiu a nossa amizade, não é? Somos aos olhos dela, pobres diabos. Além disso, eu sei que você e seus pais têm muitas despesas e não queremos ser um fardo a mais em sua vida. A polícia está atrás da gente e eu não vou parar em um orfanato... O que infelizmente tenho a dizer são duas palavras: adeus, amigo!”

Selene poderia parecer grosseira, mas eu em seu lugar não aguentaria tanta dor. Ela só tentava, de todas as formas, escapar de seu laço, mas havia uma ligação especial que o destino insistia em sempre realçar: Selene você é pura dor e rancor!

Dimmy apenas abaixou sua cabeça, olhando para o chão e nos seus pensamentos imaginava como seria a vida dele sem sua melhor amiga por perto:

“Talvez eu não a veja nunca mais.”

As palavras saíram como melindres melodias que não foram ouvidas por Selene, que simplesmente me colocou em seus braços e caminhou sem olhar para trás. Talvez no fundo, esta despedida estivesse doendo muito para ela: ver aqueles olhos tristonhos de Dimmy seria seu fim!



Era uma noite bastante chuvosa. Foi o que eu me recordo bem... Estávamos fugindo da polícia e do conselho tutelar.

“A rua é um lugar muito perigoso para se viver.”, dizia Selene a todo instante. *“O que eu vou fazer? O que eu vou fazer?”*

Ela simplesmente parou de caminhar e me deixou no chão, começando a chorar, em seguida. Eu não sabia mais distinguir a água da chuva e suas lágrimas. As duas se fundiram e não cessavam mais.

Uma senhora bastante idosa passava com seu guarda-chuva e com umas sacolas de compras em um dos seus braços. Ela nos viu e se aproximou de mansinho.

“Meninas, o que estão fazendo aqui nesta chuva? Onde estão os seus pais?”

“Não temos casa, nem família. Acha que a gente está aqui nessa chuva porque simplesmente gostamos de água?”
Selene respondeu abruptamente.

A velha senhora apenas estendeu sua mão, ao mesmo tempo em que falava:

“Agora vocês têm uma casa e uma família.”

Um longo silêncio perambulou naquela rua. Não houve nenhuma resposta de Selene, até que de repente, ela se levantou e acompanhou a mulher que chamou um táxi.

“Aliás, meu nome é Mazareth.”

Nós entramos no táxi e depois de algumas horas chegamos a um local bastante humilde, e lá no final da rua, ficava a casa de Mazareth. Ela pagou ao taxista e nos conduziu a sua casa pequena, mas acolhedora.

A senhora dormiu no sofá e colocou Selene e eu em sua cama.

“Bem, meninas, vocês devem estar muito cansadas. Selene, vista essa roupa, eu acho que cabe em você e deixe essa roupa molhada lá fora! Ah, e para a pequenina, eu vou ver se arrumo um lençol ou algo assim.”

“Ela não precisa de seus lençóis porque as roupas dela estão aqui!” Selene foi logo mostrando uma bolsa que ela carregava.

“Ah, mas elas estão molhadas, de todo jeito. Pode deixar que vou dar um jeito de arrumar roupas novas para a pequenina.”

Já bem vestidas e aquecidas, fomos dormir e, posso dizer, que foi uma noite tranquila, apesar da chuva de lá fora.



Pela manhã, o café já estava pronto. Estávamos com muita fome e se a senhora Mazareth não tivesse tirado o prato, acho que a gente também tinha comido ele... Pela tarde ficamos sozinhas, porque ela trabalhava em um supermercado e não poderia faltar ao emprego, não é? Afinal, nos acolher foi seu

maior gesto de bondade e eu estaria eternamente em dívida com dona Mazareth.

Assim que chegou do trabalho, enquanto preparava o jantar, a nossa mãe adotiva tentou descobrir mais a respeito de assuntos inerentes de nossa vida:

“Eu deveria ter perguntado isso logo a você, mas eu reparei que estava em estado de choque, acho que eu não posso deixar o tempo passar... Minha querida, quem são seus pais?”

“Eu não sei quem era minha mãe e meu pai morreu. Ele se chamava Ninkal.” Ao pronunciar o nome do homem que, para sempre seria seu pai, dos olhos de Selene escaparam as lágrimas.

“Ah! Você é filha do falecido mestre Ninkal? O da academia....”, as palavras foram interrompidas pela resposta de Selene, que se sentou e ficou observando o céu.

“Ele era um homem tão bom... Eu sinto muito a falta dele.”

“Eu imagino... Também perdi meu pai quando eu tinha aproximadamente a sua idade. Eu cheguei a conhecer seu pai, mas não sabia que ele tinha duas filhas.”

“Nós na verdade somos adotadas.”

“Bobagem, menina. Vocês foram filhas dele, de todo jeito. O sangue não é tão importante quanto o amor. Lembre-se sempre disso. Também saiba que eu devo muito ao seu pai